

Os Cinco Príncipes – capítulo VI

E na manhã do dia seguinte estavam subindo as escadarias do palácio real. Obrigaram-nos a esperar no salão de entrada por duas horas até que o Conselheiro Mor veio recebê-los. Henório entrou apressado no salão, olhou espantado para Aara e disse:

-Então sois a Rainha de Brenor?

Seu olhar revelava dúvidas. Aara estava vestida ainda com as roupas de saco de batatas que Titus lhe fornecera. Mas a atitude de Aldebaran redimiu qualquer incerteza. Ele bateu com o cajado no chão e declarou:

-Em nome do artigo 22 do acordo entre Tuê e Brenor, firmado no ano dois da Era dos Grandes Reis e Rainhas, desejamos ver o Códex!

-Isso não é possível, senhor – respondeu o conselheiro gigante, tentando-se lembrar do artigo.

-É possível sim – retrucou o mago. – Está na lei que os magos de Lumerae podem periodicamente reexaminar a cópia original do Livro Sagrado!

Henório olhou desconfiado alternadamente para Aara e Aldebaran. Depois disse:

-Está bem. Vou examinar a lei. Esperai aqui!

Meia hora depois ele estava de volta e, então, escoltou-os até o salão onde ficava o Códex. Era um salão circular, tão grande quanto a sala do trono. Aliás, o palácio real continha quatro salas daquelas, logo abaixo de suas torres mais altas. Por isso o teto ali se elevava a mais de uma centena de metros. Mas, apesar da enormidade do salão, era vazio. O que havia ali, além dos imensos vitrais que preenchiam boa parte das paredes externas e que banhavam o chão de mármore brilhante com cores variadas, era um púlpito no centro do recinto, onde repousava o imenso livro, aberto em alguma página. Porém, o que mais se destacava ali era o grupo de cinco trolls de guerra em torno do púlpito, de costas para ele, dispostos ao longo de um círculo, a mais ou menos uns vinte metros do Livro Sagrado. Absolutamente não se mexiam, parecendo estátuas. Mas era uma propriedade dos trolls. Eles hibernavam. Contudo, ainda permaneciam vigilantes, vendo e ouvindo tudo o que se passava ali. Ficavam, assim, o dia todo estáticos, saindo apenas a noite para comer, um de cada vez, o que gerava muitos boatos e lendas sobre eles se transformarem em pedra durante o dia. Estavam armados até os dentes, dada a quantidade de espadas e adagas na cintura e nas costas. Eram os Guardiões do Codex.

-De acordo com o artigo 22 podeis examinar o livro. Mas não podeis retirá-lo do púlpito nem danificá-lo! – alertou Henório.

-Estamos cientes, senhor conselheiro – respondeu Aldebaran.

Então, Henório se inclinou e saiu. O mago olhou para os companheiros e declarou:

-Vou examiná-lo. Vai demorar. Ficai à vontade para fazer outras coisas. Gdu, empresta-me o disco da rainha.

Meio desconfiado, Gdu olhou para Aara, mas esta assentiu com a cabeça. O gnomo retirou o disco da própria mochila e o entregou. Aldebaran precisava dele. Por mais alto que fosse, não conseguiria alcançar a altura do livro. Então, se aproximou do púlpito, colocou o disco no chão e subiu em cima. Mesmo assim, seu queixo ficou na altura do Códex. A posição era incômoda, mas podia ver o conteúdo. Passou a folheá-lo. Examinou a consistência das páginas, sua grossura, brilho, cheirou-as e exibiu um ar de desconfiado.

Gdu olhou para o rosto de um dos trolls. Era cheio de chifres e dois caninos enormes vazavam da boca, projetando-se para baixo.

-Esses bichos me dão calafrios – declarou.

-Bom – disse Aara, - se vai demorar, acho melhor nos sentarmos aqui no chão.

Então se sentaram. Estavam a algumas dezenas de metros distantes de Aldebaran e dos trolls.

-Hei, Aeris - disse a rainha, - por que não nos conta alguma história de tuas viagens?

-Quem? Eu? – indagou o elfo, surpreso.

-Mas eu tenho histórias a contar! – protestou o gnomo, um tanto enciumado.

-Mas, Gdu... – explicou a rainha – já contaste várias histórias, e Aeris nenhuma!

O gnomo cruzou os braços e olhou para os vitrais:

-Só quero ver... – protestou.

-Bem... – disse Aeris. – Se queres mesmo saber... ano passado fui até o sul.

Aldebaran escolhia páginas do livro ao acaso e as lia, rapidamente. Como conhecia cada palavra dele, podia examinar muitas passagens com grande velocidade. Mas logo descobriu um trecho que lhe chamou a atenção. Leu:

Anseiam a que renegueis, como renegaram eles, para que sejais todos iguais. Não tomeis a nenhum deles por confidente até que tenham migrado pela causa de Astá. Porém, se se rebelarem, capturai-os então, e matai-os onde quer que os acheis; e não tomeis a nenhum deles por confidente nem socorredor.

Então, uma fúria tomou conta de Aldebaran e ele socou o livro. Seu punho atingiu em cheio a palavra *matai*. Esse movimento fez com que um dos trolls virasse os globos oculares, e o olhasse com o canto dos olhos.

-Senti vontade de voar para o sul e voei – continuou Aeris. - Fui indo, fui indo, e não tinha mais vontade de parar. Queria ver onde ia dar.

Gdu tentava pensar em outras coisas, olhando para o teto, para não dar importância à história. Mas não adiantaria, dali a pouco estaria com os olhos arregalados, sem desgrudá-los do elfo.

-Queria ir até a ponta, onde os mares do oriente e do ocidente se juntam, lá onde neva sempre, mas que é quente pra chuchu, por causa dos vulcões. Uma terra inóspita, cheia de pedras, assombrada...

-E como é o povo de lá? – indagou a rainha, interessada.

O peito do mago arfava. Passou a virar violentamente as páginas, quase as rasgando. Viu outra passagem, seus olhos arregalaram, e suas narinas se contraíam e se estendiam, como se estivesse prestes a lançar fogo pelas ventas.

-Um povo estranho aquele – respondeu Aeris, com um olhar distante e um aspecto assombrado. – Vi muitas criaturas espantosas. Feiticeiras.

-Feiticeiras? – indagou Gdu, espantado.

-Sim, feiticeiras. E também espectros e... gente que esqueceu de morrer! – completou o elfo, fazendo uma careta.

-Gente que esqueceu de morrer? – perguntou o gnomo, com os pelos da barba arrepiados.

-Não trouxeste algo de lá? – indagou Aara.

-Bem... sabes que eu não resisto. Deixa-me ver...

Então Aeris enfiou a mão no bolso e ficou revirando. Fechou os olhos e se imaginou no interior de uma sala iluminada a velas. Havia muitas prateleiras ali, repletas de objetos. Livros, quinquilharias e coisas estranhas. Mas achou uma garrafa azulada e a apanhou. Ela tinha o pescoço comprido e a parte inferior tinha o formato quase esférico.

Retirou a mão do bolso segurando a garrafa e a entregou à rainha.

-O que é isso? – indagou ela.

-Não tira a rolha, Aara – disse Gdu, rapidamente. – Essa garrafa é perigosa!

-Perigosa? Por que?

-Deve ter um gênio aí dentro! – exclamou o elfo, um tanto orgulhoso por saber do que se tratava, unido as mãos às costas.

Ao longo de sua leitura, Aldebaran encontrou vários trechos que o deixaram cada vez mais furioso. Mas a gota d'água foi este:

Combatei pela causa de Astá àqueles que vos combatem; porém, não os provoqueis, porque Ele não estima os agressores. Matai-os onde quer que os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a intriga é mais grave que o homicídio. Não os combateis nas cercanias do Sagrado Templo, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos incrédulos.

Ao ler esse trecho, ele fincou os dedos nas laterais do púlpito, como se quisesse furá-lo. Estava a ponto de explodir.

-Um gênio? – indagou a rainha, incrédula.

-Não tira a rolha, Aara – alertou Gdu. – Um tio-avô meu, Labirintut, fez isso. Surgiu um gênio que disse que lhe concederia três desejos. Bem, ele pertencia à extinta tribo do sul e ele não sabia nada sobre gênios. Então, pediu o que qualquer gnomo pediria.

-O que? – indagou Aaris.

-Fez três pedidos: todo o ouro, toda a prata e todo o estanho que ainda não tivesse sido descoberto. E o gênio, é claro, concedeu-lhe o desejo, mas não da maneira que meu tio imaginava, como é típico da espécie deles. Ele... – e Gdu hesitou um momento – ele cobriu o meu tio com todo o ouro, prata e estanho que ainda não havia sido visto. Uma montanha se formou, cobrindo-o, como um mausoléu. Dizem que a montanha existe até hoje!

Aara se impressionou com a história e olhou bem para a garrafa, segurando-a cuidadosamente.

Mas a fúria de Aldebaran foi tamanha que ele fez o impensável. Fechou violentamente o livro. Ergueu-o. E o arremessou violentamente contra o chão. Não satisfeito com isso, apanhou o cajado, ergueu-o, apontou-o para o Códex e disse o que qualquer tolo evitaria a todo custo:

-Calcinatio!

E o Livro Sagrado desapareceu em meio a um punhado de fogo, faíscas e fumaça, restando apenas cinzas.

Ao perceber isso, os trolls começaram a sair da hibernação. Suas cabeças começaram a se mover lentamente.

-O que ele fez! – gritou Gdu, quando sua atenção foi deslocada para o grito do mago.
– Ele é maluco!

Aara e Aeris também olharam. Lentamente, os trolls levavam as mãos às espadas. Aara mirou Aldebaran e depositou a garrafa cuidadosamente no chão. Ele arfava e tremia, segurando a raiva, ainda a ponto de explodir. Então, o mago olhou fixamente para a rainha e disse, parecendo ter faíscas a saltar dos olhos:

-O que estais esperando? Correi, vossos tolos!

O coração de Aara bateu forte. O tempo pareceu parar. Os sons do ambiente se tornaram graves. Somente teve o reflexo de fazer uma coisa: Ainda levava a mochila nas costas. Tirou-a rapidamente e retirou de lá o elmo. Vestiu-o. Ao mesmo tempo, Gdu deu um soco no rosto de Aeris, que caiu no chão e bradou:

-Hei! Por que estás me batendo?

-Pensas que acreditei nessa história do sul? És um mentiroso! – gritou o gnomo.

Mas Gdu não estava sendo sincero. Era tudo parte do seu plano emergencial. Consigo mesmo pensava: “Há vinte anos que tenho que salvar esse mago maluco das encrencas que se mete!”. E deu um pontapé no flanco do elfo, que estava caído no chão.

Aldebaran chutou o disco na direção de Aara. Este veio deslizando e parou a um metro dela. Depois gritou aos trolls as seguintes palavras:

- Combatei pela causa de Astá àqueles que vos combatem; porém, não os provoqueis, porque Ele não estima os agressores. Desafiai-os onde quer que os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, através da palavra que vos sai sincera da garganta, porque a intriga é mais grave que o homicídio. Não os combateis nas cercanias do Sagrado Templo, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, enfrentai-os com a palavra e a fé de Astá através das quais virá o castigo dos incrédulos!

É claro que eles não entenderam nada. Olharam-se uns aos outros e, rapidamente, voltaram a se preparar para o ataque.

Tendo o elmo sobre a cabeça, a rainha olhou em todas as direções. Aldebaran já posicionava o cajado. Escolheria um dos trolls e o atacaria. Estes já tinham se virado, todos. Estavam tirando as espadas das bainhas e o mago estava cercado. Percebera que Gdu acordaria Clarivarius, mas como salvaria Aldebaran? Mas o elmo lhe mostrou as possibilidades. Retiraria Alionora, por certo, da bainha, mas qual dos trolls atacaria primeiro? Então, imaginou-se atacando cada um deles. Primeiro, o caminho mais óbvio: atacaria aquele que estava mais próximo, e de costas para ela. Dar-lhe-ia um golpe nas costas ou nas pernas, o suficiente para inutilizá-lo, e depois partiria para o próximo. Mas o elmo lhe mostrou um final trágico se seguisse esse caminho. Com um golpe nas costas ou nas pernas, sua espada, embora afiadíssima, não penetraria nas grossas placas de couro enrijecido que encobriam o thermatroll. Ele se viraria e a atacaria. Aldebaran invocaria o encantamento *Coagulatio*, mas,

embora dificultasse os seus movimentos, não impediria que os outros trolls o trucidassem e, somente após isso, Clarivarius apareceria.

A segunda alternativa era espetar o troll, fazendo com que a lâmina penetrasse entre as placas. O elmo mostrou que isso seria mais eficiente. O troll sentiria, urraria e se encolheria de dor, mas o final seria o mesmo. Mas, nas duas alternativas, era sempre o mesmo troll que matava Aldebaran no final. Parecia ser um troll mais forte e determinado que os outros. Então, Aara imaginou-se, na sua terceira alternativa, atacando este troll em específico, que estava a direita do mago. Conseguiria enfiar Alionora em seu flanco, mas ele, não urraria. Sangraria e ficaria extremamente ferido mas, mesmo assim, atacaria Aldebaran com uma determinação inquebrantável de punir quem havia destruído o Códex, mesmo que isso lhe custasse a vida. E, então, mesmo nessa terceira estratégia, o mago morreria no final.

O coração da rainha se apertou ainda mais e ela temeu perder o amigo. Mas havia mais uma alternativa: o escudo a esperava no chão, com as alças voltadas para cima. Desta vez não via a morte do mago, mas, por outro lado, o desfecho da luta se lhe apresentou turvo. Assim, não sabia o que ia acontecer, talvez porque o desfecho estava mais distante no futuro.

Então a realidade se desdobrou da seguinte forma:

Aara se atirou contra o escudo, rolou no chão e levantou-se, bem mais próximo dos trolls, já com a espada em riste e o disco se abrindo:

Tec-tec-tec-tec!

Enquanto isso, Aldebaran gritou:

-Coagulatio!

De fato, os trolls tiveram dificuldade de se mover, mas aquele mais forte e determinado já erguera a espada e estava prestes a abaixá-la sobre o mago.

Foi quando a rainha gritou:

-Anahar!

O símbolo do Tao brilhou com uma luz azul intensa e todos os trolls foram derrubados pelo deslocamento de ar que se seguiu e Aldebaran, como era mais leve, foi arremessado para longe. Agora, a rainha tinha os trolls entre ela e o mago.

Então, olhou o futuro através do elmo. A situação havia se reconfigurado. Os trolls se levantavam.

Gdu não chegou a dar o quarto soco, pois um pulso firme lhe acertou o queixo, projetando-o para trás e deixando-o desacordado no chão. Clarivarius se levantou.

Aara se aproximou dos trolls e tentou decidir qual acertaria primeiro. Embora tivessem sido derrubados, ainda mantinham a formação pentagonal, pois o escudo de Anahar os deslocara igualmente. O guardião que estava mais próximo de Aara formava a ponta de um pentágono imaginário e os outros quatro, dois à direita e dois à esquerda, formavam as

laterais. O troll que se destacara era o último à direita e Aldebaran estava um pouco além, a uns dez metros do último à esquerda e o último à direita. Novamente, ela imaginou o movimento mais óbvio, acertando o mais próximo. Clarivarius espetaria Tit em um outro, à direita do primeiro, mas falharia ao projetar Nit no terceiro, um pouco mais adiante. Embora essa cimitarra fosse mais obediente, o troll se esquivaria, pois, mais uma vez, se tratava daquele mais esperto. Aldebaran, com um encantamento, inutilizaria um deles, mas o quinto o mataria.

Então, pensou em atacar o troll mais esperto, mas verificou que a manobra também não daria certo: aquele troll evitaria o ataque, pois, como estava mais longe, teria tempo de interpor sua espada contra Alionora. Embora ambas as espadas fossem do mesmo tamanho – cerca de um metro de comprimento, na lâmina - e ambas forjadas no mesmo lugar, o troll era muito mais forte que a Rainha de Brenor. A manobra certamente terminaria com a morte de Aldebaran. Aara começava a duvidar da possibilidade da sobrevivência do seu querido amigo.

Mas havia outras alternativas, é claro, as quais examinou.

E assim, quase com um sorriso nos lábios, atacou.

Os trolls já estavam novamente em pé e posicionavam suas lâminas contra o mago. Mas Aara correu, saltou e fincou sua espada nas costas do primeiro troll, a escolha mais óbvia. Na visão que tivera, vislumbrara fincando a espada nas costas daquele guardião. No começo, duvidou que poderia saltar tão alto, principalmente porque segurava o escuro, que era relativamente pesado. Então, julgou que enfiaria a espada um pouco acima da cintura do bicho, embora visse atingindo-o mais alto. Mas, quando saltou, compreendeu por que. Ela havia imaginado que, se tomasse impulso, e lançasse o escuro, ao mesmo tempo que pulasse, o escudo a empurraria. Então, fez isso. Contudo, o resultado a surpreendeu: o escudo a levou muito alto.

Ao mesmo tempo, Clarivarius espetou Tit no primeiro à direita, como previra a rainha. O elfo sempre a usava primeiro, pois sabia que podia contar mais com a outra, quando tivesse que lidar com aquilo que era menos previsível.

A atenção do troll mais esperto foi então atraída para a rainha e o elfo, enquanto que os da esquerda atacavam Aldebaran. Este, por sua vez, apontou o cajado contra a espada do que estava mais próximo e gritou, fechando os olhos:

-Destilatio!

Conseqüentemente, a espada do troll derreteu e a lâmina que o atingiu não o cortou, apenas o arremessou para trás, pois ficou sem o gume, o que, ao mesmo tempo, o desviou do golpe do outro troll, que passou sua espada de voleio e com grande velocidade, porém sem atingi-lo.

Aara viu tudo isso no seu âmbito de tempo dilatado, enquanto pulava. Viu como o mago fechou lentamente os olhos, como soubesse que ia ser atingido e arremessado para trás, como se soubesse que aquele dolorido meio fora necessário, para sobreviver, como se ele também dominasse a tetravisão.

Mas os movimentos continuaram. Aara voou alto e atingiu a parte superior das costas do troll. Clarivarius originalmente ia atingir o guardião mais forte e esperto, contudo, o corpo do termatroll que Aara abatera caiu para a frente bem aos pés do primeiro, desviando a atenção deste. Clarivarius aproveitou a oportunidade para atacar e atingir o troll que fizera o movimento de voleio contra Aldebaran, atingindo-o em cheio no peito com a sua cimitarra obediente.

Então, Aara se viu frente a frente com o mais poderoso dos trolls.

Seguiu a sua tetravisão, na qual vislumbrara degolando-o.

Saltou, após uma pequena corrida, e, com a ajuda do escudo, se projetou no ar.

E, desta vez, o escudo a levava ainda mais alto.

Esticou o braço direito, levando Alionora consigo, para o bote final.

E, quando a desferisse, estaria bem a altura do pescoço do metanimal.

E, então, bastaria apenas deixar que a afiada lâmina fizesse o resto, passando pelas carnes do troll naquela região que lhe era a mais desguarnecida por placas.

O troll estava virtualmente morto, mas... algo aconteceu. Assim, solta no ar, bem no meio do salto, dentro de um tempo que se desdobrava lentamente, Aara teve uma visão. Viu-se no que parecia ser um campo de batalha. Havia muita névoa. Corpos de humanos, tuês, elfos e criaturas fantásticas, muitas das quais nunca havia visto, jaziam sem vida no chão, varados com flechas ou fendidos por lâminas. Sons de explosões vinham de longe, acompanhados por *flashes* e o que pareciam ser relâmpagos que percorriam na horizontal o campo de batalha, a mais ou menos um metro do chão, caminhando aleatoriamente em todas as direções. Então, nessa visão, Aara apercebeu-se derrubada sobre a relva. Seu corpo tremia incontroladamente, e sentia-se completamente tomada por um forte formigamento. Via apenas um cavaleiro portando uma longa e fornida lança, trotando em sua direção. Sabia que era o inimigo, embora não o reconhecesse. Gradativamente se tornava mais e mais visível dentre a névoa, conforme a sua distância diminuía. Ela ia ser morta, tinha certeza disso. Mas alto aconteceu: o cavaleiro foi literalmente atropelado. Ele e seu cavalo foram violentamente deslocados do seu campo de visão por algo grande e forte. Algo grande e negro. Um termatroll. E não era um troll de guerra qualquer, era aquele, exatamente aquele que Aara estava prestes a matar.

Então, ela reteve a fúria de Alionora. Manteve o braço aberto, sem desferir o voleio.

E caiu sobre o troll, batendo-lhe no ombro e deslizando pelas suas costas, numa queda de mais de sete metros. No desespero da queda, descobriu uma terceira propriedade do escudo, que jamais havia imaginado: acidentalmente ele ficou com a parte côncava virada para baixo e Aara teve a impressão que isso lhe amorteceu a queda. Mas, mesmo assim, sua velocidade final não foi tão baixa. Então, sentiu o impacto dolorido do mármore do piso.

Ela deu um gemido surdo e não tinha certeza se não tinha quebrado as costelas do seu lado direito.

Até esse momento, haviam abatido dois trolls. Um morrera pela espada de Aara, tendo as costas varadas. O outro, por Nit, pois Clarivarius o atingira no coração. Mas a situação não estava nada boa. O troll que atingira Aldebaran jogou sua lâmina inutilizada longe e pegou a do companheiro morto pelo elfo. Aldebaran não conseguiu se levantar, pois não sentia as pernas.

O troll que havia sido atingido no flanco por Tit ficara apenas ferido. Ainda a tinha espetado na sua lateral, mas, agora, se voltou para Clarivarius, atacando-o com fúria. E o troll mais forte e esperto se virou e ergueu sua espada em direção à rainha. Aara olhou-o através do elmo e tudo o que pôde visualizar foi sua própria morte.

E aquele troll não era um troll qualquer. Era Makatl, o grande campeão, que há pouco tempo havia sido destacado para a guarda do Códex. Pois ele ergueu a sua lâmina e desferiu um golpe certeiro contra o pescoço da rainha.

Bastaria baixar o braço para que o troll que atacava Aldebaran acabar com o destruidor do Códex. Porém, ao olhar para o rosto do mago, viu que ele estava tranqüilo. Em vez de estar tremendo, parecia contar, baixinho:

-Sava, sida, hamsa, tarba...

Então, hesitou um pouco imaginando porque ele não temia a aproximação da morte. Mas logo ele soube por que: O encantamento *destilatio* continuava atuando gradativamente, mas aqueles trolls são chamados de *thermatrolls* porque eles não sentem o arder do fogo, elemento ao qual são altamente resistentes. Então, ele não sentia o que se processava no interior do seu corpo. Mas, ao tentar abaixar a espada, sentiu a corrosão e, agora, o efeito aflorava. E, num instante, suas carnes e placas de couro foram desaparecendo. Primeiro, no braço direito, depois no peito, depois na cabeça e finalmente nas pernas e o braço esquerdo. Os ossos surgiram. O esqueleto, o crânio e, logo, o troll havia se transformado num monte de cinzas.

Já Clarivarius desviava-se dos golpes enlouquecidos do seu oponente o mais rápido que podia. É claro que ele não poderia antepor a sua espada à do troll gigante. Assim, fazia o que sabia fazer bem: esquivar-se com a elegância típica dos elfos notus. E essa habilidade irritou o troll ainda mais. Os golpes mal sucedidos deste obrigavam Clarivarius a ir cada vez para trás e, em algum momento, ficaria encurralado.

A espada de Makatl atingiu em cheio o pescoço de Aara. Mas algo aconteceu: a espada caiu. O campeão deu um passo para trás, com ambos os braços estendidos, pois estavam completamente dormentes. Aara rolou para o lado, se colocou de quatro e se pôs a tossir muito. Mas seu pescoço estava intacto. Como? Ela colocou uma das mãos sobre ele e tudo o que pôde sentir foi a gargantilha que a Senhora Alva Acrux lhe dera.

“Obrigada, Senhora Acrux!”, pensou ela.

Então, olhou para o seu oponente. Ele estava com os olhos espantados, pois não entendia o que havia acontecido. Não sentia mais os seus braços.

Clarivarius estava encurralado, com as costas em uma coluna. Então, o troll atacou, mas o elfo, num movimento rápido, passou-lhe por debaixo das pernas e o troll bateu violentamente com a cabeça contra a coluna. Embora isso tenha feito despencar detritos do teto, o troll ficou apenas tonto. Então, em vez de correr ou virar-se para enfrentar o inimigo, Clarivarius se ajoelhou. Colocou Nit na posição vertical, com a ponta no chão, e apoiou as mãos sobre o cabo da cimitarra. Então fechou os olhos, parecendo que ia orar.

Concentrou-se e Tit, obedecendo-lhe, revirou-se. Buscou as entranhas do troll, cortando partes vitais. O guardião urrou e tentou arrancar a cimitarra élfica do flanco. Mas já era tarde demais. Caiu no chão, debatendo-se, até se aquietar.

Aara, agora, agachou-se, posicionando o escuro entre ela e Makatl. Então, num ato de piedade, gritou:

-Anahar!

O troll campeão estava de costas para um imenso vitral, por onde entrava um brilho intenso, obliterando os detalhes do seu corpo disforme. Então, ele foi arremessado para trás, atravessando o vitral e caindo lá fora.

E assim foi desfeita aquela guarnição de guardiães do Códex.

Aara se levantou formosa e bela, ainda com a espada na mão direita, o escudo firmemente colocado na esquerda, portando o elmo alado e a roupa de pitonisa. Olhou por todo o recinto, em busca dos companheiros. Gdu jazia, de barriga para cima, bem no local onde Clarivarius o abatera. Aara não tinha certeza, mas pareceu ouvi-lo roncar. Clarivarius se levantava e corria para o lado de Aldebaran, que ainda estava no chão. Aara fez o mesmo e colocou uma das mãos sob a sua nuca.

-Estás ferido? – indagou ao mago.

-Acho que não – respondeu ele. – Caí de mal jeito. Somente agora o movimento dos meus membros está voltando.

Mas, mal proferiu essas palavras, sentiram lanças espetando-lhes. Voltaram-se. Estavam cercados por tartathais de mantos roxos. Talvez uns cinqüenta deles.